

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

LUCIANA ALBANESE

Memorial Descritivo apresentado como requisito parcial para Progressão Funcional.

Classe Associado IV para TITULAR.

CURITIBA

OUTUBRO DE 2016

Recordar, Repetir, Elaborar...

Não nos esqueçamos que as causas das ações humanas costumam ser inumeravelmente mais complexas e diversas do que depois sempre as explicamos, e raramente se delineiam de maneira definida.
(Fiódor M. Dostoiévski)

Não importa a trilha a ser percorrida, na montanha ou na tela de um computador, o começo é sempre a parte a exigir mais fôlego. Enlaçar os fios das meadas pelos quais se teceu uma carreira acadêmica após 29 anos de seu início não é tarefa das mais fáceis. Demanda narrar não apenas uma história de fazeres, entrelaçando acontecimentos e seus efeitos, mas também, recuperar expectativas, ideais e neles, na medida do possível, reconhecer intenções e traçar o percurso de suas vicissitudes. Neste trabalho interno de recordar e repetir histórias já contadas em outros tempos e contextos trata-se, em suma, de atribuir sentidos que não necessariamente estavam lá de saída, a fim de poder elaborar *après coup* uma possível versão de si para o momento presente.

A escrita de um memorial como este diz, portanto, da produção de um indivíduo que, em meio a incontáveis relações e interlocuções, subjetiva-se como alguém que se reconhece professor. Talvez por isto seja tão desafiadora - e até mesmo perigosa- pois, ao contar a história de uma carreira, arrisca-se a circunscrever um sentido - ainda que provisório- para a própria existência. E isto, convenhamos, não é pouca coisa! Entretanto, para quem se propõe a alcançar a condição de titular, nada mais oportuno e necessário do que assumir a titularidade de suas ações e intenções... Mãos à obra, portanto!

Das ironias da vida: já estava lá e eu não sabia

*Caminante, son tus huellas el camino y nada más;
Caminante, no hay camino, se hace camino al andar.
Al andar se hace el camino, y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino sino estelas en la mar.*
(Antonio Machado)

Por pouco não nasci numa sala de aula. Isto só não aconteceu porque decidi vir ao mundo num feriado que, por ironia do destino, era o dia do trabalho. Como que a sinalizar que eu teria uma intensa trajetória de labuta dali em diante. Diz a lenda que nasci um mês antes do previsto. Ao que parece, desde então, eu já era “gulosa de vida”, expressão com a qual a mim se referiu um homeopata certa vez...

Filha única de imigrantes italianos, cresci imersa no discurso - e no exemplo que me deram- de que nada nesta vida se conquista sem esforço e que a melhor herança que poderia ser deixada era o estudo, pois, com ele poderia se desbravar o mundo. Assim, boa parte de minha infância (para não dizer da vida que vivi até aqui) foi dedicada aos livros, o que me rendia a condição de ser, quase sempre, a melhor aluna da sala. Pudera! Com uma mãe professora e italiana... Ai de mim se não fosse!

A considerar o que se poderia esperar para o futuro de uma menina naquela época, diferentemente dos pais de minhas amigas, os meus sempre me incentivaram a ter uma profissão, ser independente e não apostar todas as fichas em um casamento. Recomendação à qual obedeci com convicção! E, ainda que a princípio este caminho não tenha sido propriamente uma minha escolha, ao longo dos anos passou a sê-la, quando cotidianamente o fui escolhendo e re-escolhendo numa legítima profissão de fé na Psicologia e na docência. De fato... O caminho se faz ao andar.

Na infância, minha brincadeira predileta era juntar bonecas e bichos de pelúcia e com eles reconstituir a cena de uma sala de aula. No papel de professora reproduzia com prazer o que, na época, constituía meu universo mais importante: a escola. Curioso é que só fui me lembrar disto há alguns anos quando, numa supervisão de estágio em Orientação Profissional, comentava com meus alunos quão importante

seria explorar as brincadeiras infantis no processo de escolha de uma profissão. Até então do que lembrava era que eu adorava ler e inventar histórias, subir em árvores, montar cabanas com os meninos, jogar bola, correr na praia e simular vulcões na areia. Interessantes as voltas que a vida dá! Tantos anos depois essas duas paixões se reencontraram: equipamentos de *trekking* convivem em harmonia com minha estante de livros...

Concluído o ensino fundamental era hora de mudar de colégio e fazer a opção pelo curso a seguir; isto porque vivi a tal fase do ensino médio profissionalizante. A instituição cogitada oferecia algo raro, além das duas opções recorrentes (análises clínicas ou desenho arquitetônico) em outras escolas: o curso de tradutor intérprete. Encantada por essa possibilidade, dada minha grande afinidade pela área de humanas e certa habilidade com línguas estrangeiras (desenvolvida desde pequena ao ter no italiano minha língua materna), foi grande a frustração quando o curso em questão não teve o número suficiente de inscritos para justificar sua abertura. Assim, tendo em vista a aposta de meus pais no ensino privado, na esperança de uma melhor formação, precisei escolher entre as outras duas alternativas. Acabou que fiz um ano de desenho arquitetônico (não tinha lá muita paciência com os pincéis de nanquim!) e outro de análises clínicas, chegando então ao temido “terceirão” e seus exaustivos simulados...

Lembro que alguns cursos como geologia, oceanografia, arqueologia me fascinavam. Contudo, ou não existiam em Curitiba, ou eu julgava não ter base suficiente em química e matemática para poder segui-los. Minha mãe, naquela época professora de Letras na UFPR, incentivava: “Luciana, faça Letras, assim você vai ser professora como eu”. E, como se fosse hoje, lembro de minha resposta proferida sempre em claro e bom tom: “Eu, professora? JAMAIS!!”... Reconheço que é um tanto irônico para alguém que dedicou os últimos 18 anos da docência ao campo da Orientação Profissional assumir tal contradição, mas, como já disseram, “o coração tem razões que a razão desconhece!” e, como dizem, melhor evitar prometer “dessa água nunca beberei!”

Descartadas as profissões para as quais resolvi dizer não, era hora de buscar aquela para a qual eu diria sim. Algo que me atraía bastante era a arte de embelezar as pessoas e eu costumava praticá-la com minhas amigas do ensino médio com certo talento até. Mas como as carreiras de cirurgiã plástica ou de esteticista não estavam nos planos, municiada pelo recém descoberto interesse no comportamento

humano, pela habilidade recorrentemente a mim atribuída de “ser calma, equilibrada e saber escutar os outros”, pelo ideal de ajudar as pessoas e pela aptidão a seguir a área de Humanas apontada em um teste vocacional, acabei escolhendo o curso de Psicologia. Assim, ao invés de rostos e corpos, resolvi embelezar a alma e a vida das pessoas... E, desde então, venho me dedicando à transformação de vidas, senão numa obra de arte, ao menos, na melhor e possível escultura de si.

A boa preparação acadêmica rendeu-me o 2º lugar no concurso Vestibular da UFPR e o constante bom desempenho ao longo do curso. Meu interesse inicial em Psicologia era o campo da clínica e, já no segundo ano, fui infectada pelo vírus responsável pela paixão que me nutriu durante anos - a psicanálise- o que fez com que me inscrevesse no curso de formação de quatro anos ofertado na então Biblioteca Freudiana de Curitiba. Um ano depois, duas novas paixões despertaram, semeando o solo da perspectiva epistemológica com a qual hoje trabalho. Refiro-me aqui à Linguística (disciplina que tive a honra e o privilégio de conhecer através do professor José Luiz Mercer) e à Psicologia Social (que me foi apresentada pela inesquecível professora Elane Tomich), a qual expandiu os horizontes da “minha” Psicologia Clínica impossibilitando-me pensar num sujeito desvinculado de seu contexto macrohistórico dali para frente. Por fim, outra experiência a destacar ao longo da graduação, dada sua importância como impulsionadora da carreira docente, é a monitoria na disciplina de “Métodos e Pesquisas em Psicologia”, ministrada pelo caríssimo e saudoso professor Luiz André Kossobudski. Lembro de ter me sentido intimidada ao entrar numa sala de aula numa condição à qual eu não sabia nomear (e menos ainda *como* ocupar), visto que se desenhava entre a função de auxiliar docente e o papel de aluna. No final, porém, acabei sobrevivendo e adquirindo a experiência de uma rica atividade extracurricular (infelizmente a única, dado que ainda não havia projetos de extensão/iniciação científica).

À alegria do término da graduação somou-se a angústia quanto à vida profissional. Dentre as possibilidades existentes na época, uma única certeza: não queria trabalhar com Psicologia Escolar (outra ironia do destino e mais uma água da qual passei a beber depois, cada vez com mais sede!), pois a imagem de escola que me assombrava naquele nebuloso período de final de ditadura era a de uma instituição repressiva, domesticadora de “corpos dóceis”, “aparelho ideológico do Estado”, no qual a Psicologia pouco teria a fazer, tantas eram as coisas que precisariam mudar!

Em 1984, as opções de atuação em Psicologia em Curitiba eram escassas e o sonho de abrir um consultório parecia distante, à medida que demandava uma consistente experiência prévia. O que fazer? Um dia, numa conversa entre amigas mais chegadas, um vislumbre: por que não tentar um mestrado em São Paulo? A idéia de seguir estudando e de sair da provinciana capital me atraía bastante, porém... São Paulo??? Era outra alternativa por mim esconjurada: “Detesto aquela megalópole, NUNCA vou morar lá!” Para encurtar a história das seguidas águas das quais jurei nunca provar, das quatro amigas dispostas a prestar a seleção na Universidade de São Paulo, resultou que, por diversos motivos, apenas eu levei a cabo o projeto. E assim, poucos dias após a colação de grau, lá estava eu fazendo a prova para o mestrado em Psicologia Social. A escolha por esse programa se deu pelo interesse na área, oriundo da graduação, e pelo anseio de não restringir meus horizontes, tão cedo, à Psicologia Clínica. Embora minha meta fosse nela atuar, por que não explorar um pouco mais o universo da Psicologia para além das paredes de um consultório?

Aprovada na seleção, iniciava-se o desafio de delimitar um problema de pesquisa no tema mais amplo de meu interesse: linguagem e juventude. Assim, após muito trabalho e várias elucubrações compartilhadas e assessoradas pelo professor Mercer, vislumbrei uma possibilidade: investigar os temas abordados nas conversas de jovens universitários, o que deu origem à dissertação “O Discurso dos Universitários da USP: uma análise de recortes de conversação”, sob orientação do Prof. Dr. Jurn Jacob Philipson. Escolhido o foco, restava dar conta de um impasse: operar com a leitura psicanalítica num contexto outro que não o de consultório, algo considerado uma verdadeira heresia pelos psicanalistas com quem, na época, busquei interlocução. Não me dando por vencida, e com a ajuda que o acaso às vezes no proporciona, acabei entrando em contato com a Análise do Discurso, ao frequentar a disciplina optativa de igual nome ministrada pela Prof^{fa} D^{fa} Eni Orlandi na UNICAMP. Um universo surpreendente e muito promissor se abriu a minha frente, a partir do estudo de textos de Foucault, Mainguenu, Possenti, Austin, da própria Orlandi e tantos outros; entretanto, foi na Teoria da Enunciação de Émile Benveniste que pude ver alguma “luz no fim do túnel” para o meu dilema: articular, de algum modo, análise do discurso e psicanálise, no intuito de abarcar a questão da subjetividade. Tal empenho me rendeu a menção “Com louvor” pelos examinadores da banca de defesa, considerando a originalidade do método criado. Mal sabia que, no mesmo período e na mesma instituição, outra

pesquisadora aventurava-se em tarefa semelhante: a de prescindir da interpretação psicanalítica sem deixar de lado, todavia, a possibilidade de evidenciar marcas subjetivas na enunciação. Refiro-me a alguém que marcou – e tanto inspirou - minha trajetória anos mais tarde: a psicanalista e professora, hoje livre docente, do Programa de Psicologia Escolar da USP, Marlene Guirado, com a qual tive o privilégio de trabalhar em meu doutorado e pós-doutorado.

Lamentavelmente, nos anos oitenta, não havia ainda o incentivo à publicação e o registro de meu trabalho ficou restrito à escrita da dissertação. O aprofundamento no tema e na perspectiva da Análise do Discurso, todavia, em muito contribuiu para minha trajetória alicerçando projetos que se mantêm até o momento presente.

Concomitantemente ao mestrado e tendo encerrado o período da bolsa obtida pela FAPESP, decidi continuar morando em São Paulo (a essas alturas, havia me apaixonado perdidamente pela cidade!) e dar início – enfim - ao árduo processo de inserção profissional sublocando a primeira das três salas que, durante cinco anos e meio, constituíram o cenário em que pude concretizar o sonho de ter um consultório. Mesmo amparada por muitas horas de estudo na Biblioteca Brasileira de Psicanálise, em grupos de estudo de Freud e Lacan coordenados por psicanalistas argentinos, em supervisão clínica e em análise pessoal, a estabilidade na clientela demorou a ser constituída o que, felizmente, instigou-me à busca de outras alternativas.

A primeira delas, em março de 1987, foi inserir-me no programa de Aprimoramento de Psicologia Hospitalar, coordenado pela pioneira na área D^{ra} Mathilde Neder, no Hospital de Clínicas de São Paulo (HC), experiência esta que, dentre outros aprendizados relevantes, mostrou-me a importância de considerar o contexto como peça importante na produção de um sintoma. Assim, a despeito das longas horas investidas na ortodoxia psicanalítica, cada vez mais me dava conta da necessidade de estender a escuta analítica ao âmbito das relações estabelecidas *durante* o tratamento hospitalar: entre o paciente e as equipes médica e multiprofissional, entre os integrantes destas equipes, entre estas e as famílias, entre os próprios pacientes. Ao mesmo tempo, a descoberta de inúmeras outras modalidades de atuação do psicólogo no hospital, para além do atendimento clínico individual de médio ou longo prazo realizado em ambulatório (nos moldes do consultório), foi circunscrevendo a necessidade de

novos modelos de prática psicanalítica em instituições. Daí à descoberta de uma proposta denominada *Psicologia Institucional* foi um passo e, mais uma vez, os psicanalistas argentinos (ou que moraram neste país) vieram em meu socorro. Desta feita, porém, com uma visada que apontava na direção da promoção da saúde, do trabalho com as relações grupais, da articulação frutífera entre os conhecimentos da psicanálise e da psicologia social. A experiência vivida no contexto hospitalar revelou-se de uma riqueza e aprendizado incomensuráveis, proporcionando-me considerável sustentação no futuro trabalho de supervisão de estágios em Psicologia Escolar.

Concluído o Programa de Aprimoramento, abriu-se um concurso para psicólogos no HC. Dentre 750 candidatos, para minha enorme surpresa e alegria, fui aprovada em primeiro lugar, o que me propiciou a oportunidade de escolher o ambulatório em que gostaria de atuar. Entretanto, quando estava em vias de assinar o contrato, recebi a notícia de que havia sido aprovada em outro processo seletivo para uma vaga de psicóloga na Coordenadoria de Saúde e Assistência Social da Universidade de São Paulo (COSEAS). Não obstante abrir mão do HC me deixasse muito relutante, pelas promissoras experiências que poderia vir a ter e, sobretudo, pelos inesquecíveis vínculos ali construídos, a opção de trabalhar na instituição universitária que havia fornecido o *corpus* de análise de minha dissertação e que, na época, ainda me acolhia como mestrande, mostrou-se irresistível: o tema da formação e da vivência universitária parecia-me deveras instigante! Decidi então enfrentar o desafio de, junto a outra colega psicóloga, prestar assistência a discentes, docentes e técnicos da Universidade de São Paulo.

O grosso do trabalho consistia em ofertar psicoterapia breve (o que me obrigou, uma vez mais, a repensar o modelo clássico de atendimento em psicanálise, tarefa para a qual contei com a primorosa supervisão do psicanalista Ryad Simon), mas, além disto, sempre que possível, conversávamos com grupos de alunos, especialmente os residentes do CRUSP (Centro de Residência da USP), para debater eventuais problemas enfrentados durante seus cursos e vivências acadêmicas. A pertinência de um trabalho em contexto institucional, para além do atendimento individual, revelou-se frutífera mais uma vez, instigando a ampliar o alcance da intervenção psicológica clínica tradicional. Dois anos após meu ingresso, a equipe de psicólogos aumentou, dando fôlego e combustível para alguns projetos, dentre eles, o de empreender a pesquisa intitulada “O desempenho irregular de estudantes universitários: um estudo

psicológico”, uma vez que, para não fugir à regra das instituições educativas, cresciam os pedidos para que tratássemos os assim chamados “alunos problema.” Pela nossa experiência nos atendimentos dos universitários, percebíamos que a irregularidade no desempenho acadêmico não resultava unicamente de dificuldades individuais. Estas, não raro, configuravam apenas uma peça a mais na complexa engrenagem a movimentar a dinâmica institucional. Na maior parte das vezes, os entraves produzidos ao longo da formação atrelavam-se a outros: em especial, aos desencontros de expectativas na relação professor-estudante. Abordar tal aspecto, porém, sem a devida fundamentação científica, implicava assumir riscos; dentre eles, o de ver a equipe de psicólogas extinta, pois propor uma intervenção com os docentes doutores da USP era (e, como em grande parte das universidades, talvez ainda o seja) algo impensável! Decidimos, então, ir conquistando espaço aos poucos, propondo um estudo aprofundado dos fatores associados às dificuldades atribuídas aos alunos e, com isto - quem sabe- sensibilizar a comunidade uspiana para um trabalho institucional. Na ocasião, já havia tido acesso ao livro “Psicologia Institucional” de Marlene Guirado, o qual me confirmou alguns pressupostos e abriu-me um vasto campo de estudos apresentando-me autores da Análise Institucional (Lapassade), da Análise das Instituições Concretas (Guilhon de Albuquerque), da psicanálise de grupos (Enriquez e Käez) e da própria Guirado. Infelizmente, não pude prosseguir nesta pesquisa tendo em vista minha saída da Universidade de São Paulo, a qual será abordada a seguir.

Paralelamente ao desenvolvimento de minha trajetória profissional como psicóloga, no Hospital de Clínicas, em consultório particular e na Universidade de São Paulo, num desses belos acasos que podem transformar toda uma vida, iniciei minha carreira docente. No início de 1987, soube através de um colega de mestrado que o curso de Psicologia das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) estava contratando professores. Na época não eram muitos os psicólogos que possuíam o título, então, segundo ele, mesmo eu não tendo ainda concluído o curso, poderia ter alguma chance. Embora já trabalhasse no HC e também tivesse alguns clientes no consultório, ainda dispunha de algumas noites livres e de muita energia para encarar uma jornada tripla: afinal, aos 25 anos, nada parece impossível!! Assim, munida de coragem e disposição, fui me apresentar ao coordenador de curso, o qual, a princípio, dada minha inexperiência docente, não se mostrou lá muito entusiasmado. Entretanto, ao olhar mais atentamente meu currículo, num dado momento, indaga sobre minha experiência com a

monitoria na graduação que, coincidentemente, havia sido na disciplina para a qual eles estavam precisando de professor. Quando eu já dava a entrevista por encerrada (e a almejada contratação por perdida), para a minha surpresa, fui convocada a assumir quatro turmas do 1º ano noturno de Psicologia para a disciplina de “Métodos e Pesquisas em Psicologia”. Bastou uma única noite para eu me apaixonar para sempre pela sala de aula e a atividade docente que deveria ser paralela às demais acabou por configurar minha reta profissional dali para frente. Permaneci na FMU por três anos, lecionando também uma disciplina que me era tão cara quanto desafiadora: “Psicologia da Personalidade”. Guardo dessa experiência inicial grande aprendizado que norteou minha prática docente desde então. Dentre eles, o de dar a voz aos alunos e deixar me surpreender, apostar em suas capacidades e transmitir, muito mais do que um conteúdo, minha paixão em aprender.

Em junho de 1991, uma reviravolta: assumi a vaga de professora assistente da área de Psicologia Escolar na Universidade Federal do Paraná. Em que pese minha experiência profissional marcadamente inserida no contexto da Psicologia Clínica, o incentivo de ex-professoras aliado ao interesse que começava a ser despertado pela área escolar e à experiência da docência na FMU me convenceu a prestar o concurso em dezembro de 1990. Curiosamente, ao mesmo tempo em que ansiava por um bom resultado, torcia para ser chamada somente dali a um ano, para poder prosseguir com minhas atividades em São Paulo e me preparar para um eventual retorno à terra natal. Coincidência ou não, foi exatamente o que aconteceu: por razões pessoais, a candidata aprovada em 1º lugar no concurso havia pedido demissão e eu, aprovada em 2º lugar, fui convidada a assumir a vaga. E, assim, após sete anos e meio em São Paulo, a filha pródiga à casa torna.

A aventura de ser professora

*Para ser grande, sê inteiro: nada teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa.
Põe quanto és no mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda brilha,
porque alta vive.
(Fernando Pessoa)*

Uma semana após iniciar minhas aulas nas disciplinas de “Psicologia da Aprendizagem”, “Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem” e “Supervisão de Estágio Curricular em Psicologia Escolar”, os docentes da UFPR iniciaram uma greve que durou mais de 120 dias. Sim! Eu estava novamente inserida em uma instituição de ensino superior pública e a luta contínua pela melhoria da qualidade de ensino e pela defesa da autonomia universitária e do tripé ensino-pesquisa-extensão, diferentemente do contexto universitário privado do qual provinha, era possível. Entretanto, como em toda a greve, foi preciso enfrentar seus transtornos. Dentre eles, a tentativa de, efetivamente, repor as aulas, o que foi feito nos meses de janeiro e fevereiro do ano seguinte. Para minha surpresa – e sorte de principiante talvez! - as duas turmas sob minha responsabilidade retornaram ávidas por debates e reflexões. Uma delas em especial, a do 2º ano, marcou-me profundamente. Não por acaso, mantenho contato com alguns de seus integrantes até os dias de hoje... Pude acompanhá-la até o final da graduação e foi um enorme privilégio e incentivo testemunhar o brilho em seus olhos quando discutíamos sobre a educação brasileira, acolher suas angústias quanto aos alcances e limites da atuação do psicólogo na escola e, o mais gratificante, ter que literalmente implorar para encerrar a aula, em meio a seus inesgotáveis questionamentos e reflexões, por ter outras turmas me aguardando logo depois. Tal experiência me fez compreender a dimensão da riqueza da área em que eu havia entrado, pois diferentemente da atuação em consultório acenou-me com a possibilidade concreta de trabalhar com prevenção e promoção da saúde. A partir daí, minha paixão pela Psicologia Escolar tornou-se um caminho sem volta e meus dois horizontes de interesse, da escuta clínica e do macrocosmo social, puderam enfim encontrar uma articulação viável, instigadora e deveras produtiva.

De lá para cá, tantas foram as disciplinas ministradas, a participação na construção de reformas curriculares, aprendizados, desafios, sonhos e, sobretudo, projetos criados para concretizá-los. E, em que pese a intimidação inicial de atuar junto aos meus antigos mestres, aos poucos fui me sentindo em casa outra vez, autorizando-me a falar de “igual para igual” na medida em que ia conquistando o crédito e o respeito de colegas e de alunos, agora na condição docente. Para tanto, muitas foram as noites e os finais de semana despendidos em pesquisas, estudos e preparação de aulas, no intuito de adentrar um território pouco conhecido, o dos temas relativos à Psicologia Escolar.

Da constante atuação como supervisora de estágios de 5º ano à necessidade de pensar em projetos mais amplos voltados ao atendimento da comunidade foi um pulo! Deste modo, já em 1991, propus o projeto de extensão universitária *“Atuação psicológica em creches municipais de Curitiba e região metropolitana: prevenção e promoção da saúde”*. Em seguida, vieram outros projetos: *“Ação Integrada da Psicologia na Escola”* (em parceria com duas colegas de Departamento), *“Psicologia na Universidade”* (rica experiência desenvolvida no Curso de Agronomia da UFPR), *“O Ser e o Fazer na Universidade”* (também desenvolvido em parceria com colegas do DEPSI, sendo coordenado pela professora Norma da Luz Ferrarini), *“Cresça & Apareça: uma proposta de orientação profissional”* com os subprojetos *“Repensando a Escolha Profissional”* e *“Vou me formar e agora?: subsídios para o planejamento de carreira”*. Pautada no princípio de José Bleger de que toda intervenção psicológica sustenta-se na articulação contínua com a investigação (e vice-versa), para cada proposta de extensão elaborava um ou mais projetos de pesquisa. Ao mesmo tempo, tais projetos subsidiavam minha docência nas disciplinas ministradas, permitindo-me concretizar a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e promovendo, igualmente, meu aprimoramento como orientadora de projetos de iniciação científica e de monografias de conclusão de curso (que somam um total de 28 até o momento). Além disto, propiciaram minha crescente participação em eventos científicos seja proferindo palestras, ministrando cursos ou apresentando trabalhos. A produção científica daí decorrente será relacionada adiante. Listo a seguir, os projetos de pesquisa por mim coordenados, os trabalhos de Iniciação Científica orientados e os principais eventos dos quais participei.

- Projetos de Pesquisa:

(1991-1994) *Investigação sobre as condições preliminares de intervenção psicológica nas creches municipais de Curitiba e região metropolitana.*

(1992) *Distúrbios de Aprendizagem: diagnóstico e tratamento*

(1995-1996) *A Representação Social de Ensino-Pesquisa-Extensão na Universidade Federal do Paraná.*

(1995-1998) *Intervenção em Psicologia Institucional na Escola: possibilidades e limites*

(2001-2005) *Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise Institucional* (projeto de pesquisa do doutorado)

(2000 – 2007) *Orientação Profissional e Projeto de Vida: contribuições possíveis, desafios necessários*

(2007 - 2009) *“Não era bem isso o que eu queria” - A dúvida quanto ao curso no discurso de estudantes da Universidade Federal do Paraná: uma análise institucional*

(2009-2011) *Escolha profissional e exploração vocacional em estudantes de ensino médio público: subsídios para ações de orientação profissional*

(2010 – 2012) *Aquém dos ideais da educação ou das (im) possibilidades do trabalho do psicanalista em atendimento individual na escola*

(2011-2012) *Juventude contemporânea e projeto de vida: um estudo institucional numa escola pública de ensino médio do litoral do Paraná* (pesquisa do pós doutorado)

(2009 – 2016) *Escolha, planejamento e orientação de carreira na contemporaneidade: uma análise institucional de discursos*

(2014- até o momento) *Formação, atuação profissional e produção de subjetividade*

Descrição: A complexidade das relações de trabalho - e com o trabalho - na contemporaneidade não mais sustenta a noção tradicional de carreira, associada a uma perspectiva de linearidade e estabilidade. Dentre as implicações daí derivadas, para as práticas de formação e qualificação profissional, destaca-se a necessidade de implementação de programas de educação para a carreira, ainda pouco difundidos no contexto brasileiro. A presente pesquisa pretende contribuir para a produção de conhecimento relativo a esta problemática, propondo-se a colher subsídios para a elaboração de programas de orientação e construção da carreira, a serem desenvolvidos em instituições educativas e de trabalho. Como objetivo geral visa a investigar modos de subjetivação produzidos nas práticas de formação e atuação profissional. Especificamente, busca identificar: a) as relações estabelecidas entre a formação e a atuação profissional; b) os sentidos atribuídos à carreira; c) as dificuldades encontradas na trajetória profissional; d) as estratégias utilizadas nessa trajetória; e) os efeitos da

formação e da atuação profissional e do trânsito entre essas duas práticas institucionais-na configuração da subjetividade e f) os elementos que compõem os projetos de vida futura. O referencial teórico metodológico utilizado é o da Análise Institucional do Discurso: o conhecimento dos aspectos acima mencionados se dará, pois, mediante a análise do discurso dos participantes dos diferentes estudos empíricos abarcados pela pesquisa. Estes têm como amostra: recém-graduados; egressos de programas de residência multiprofissional; profissionais, de diferentes áreas, em início de carreira; profissionais de diferentes áreas atuantes nas mesmas há mais de 5 anos. Os principais instrumentos de investigação consistem em questionários, entrevistas e grupo focal Paralelamente à obtenção de dados concernentes às práticas de formação e atuação profissional, espera-se aprofundar o conhecimento sobre os processos de produção de subjetividade em tais práticas; aspecto este pouco explorado na literatura e passível de ser desenvolvido nesta pesquisa dado o referencial metodológico adotado.

- Orientação de projetos de Iniciação Científica:

1. Paula Gantschef Kopruszinski. O futuro profissional na perspectiva de formandos da Universidade Federal do Paraná: uma análise institucional de discursos, 2013
2. Mariana Aparecida Xavier Arruda. Formação universitária e inserção no mundo do trabalho: possíveis relações no discurso de formandos da Universidade Federal do Paraná, 2013.
3. Luiza Helena Cavallet. Exploração vocacional em estudantes do ensino médio público: um estudo comparativo, 2010.
4. Iris Miyake Okumura. Escolha profissional em estudantes de ensino médio público: subsídios para ações de orientação profissional, 2010.
5. Diviane Helena de Oliveira. "Não era bem isso o que eu queria..." A dúvida quanto ao curso universitário: uma análise institucional de discursos, 2009.
6. Wallisten Passos Garcia. Fatores relacionados à dúvida profissional no discurso dos universitários da UFPR, 2009.
7. Chrystiano Nogueira dos Santos. A re-escolha de curso no ensino superior: uma análise do discurso dos universitários da UFPR, 2009.
8. Luiza Helena Cavallet. Escolha profissional e exploração vocacional em estudantes de curso pré-vestibular popular, 2009.

9. Maria do Carmo Bueno. Escolha profissional e exploração vocacional em estudantes de ensino médio público: subsídios para ações de orientação profissional, 2009.
10. Renee Volpato Viaro. Orientação Profissional e Projeto de Vida: contribuições possíveis, desafios necessários, 2007.
11. Rafaela Santos Kamaroski. Orientação Profissional e Projeto de Vida: contribuições possíveis, desafios necessários. 2007.
12. Rodrigo Baltar Auffinger. Orientação Profissional e Projeto de Vida: contribuições possíveis, desafios necessários. 2007.
13. Marina Reguero Marques. Futuro e Projeto de Vida de Estudantes do Ensino Médio: contribuições de um processo de orientação profissional. 2007.
14. Fidelis Libero Grando Filho. Orientação Profissional e Projeto de Vida: contribuições possíveis, desafios necessários, 2007.
15. Simone Neves. Representação Social de Ensino, Pesquisa e Extensão para a comunidade da UFPR, 1996.

- Participação em eventos científicos (a partir de 2002):

1. XXIII CONGRESO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA INFAD: Sicilia, 2016.
2. I CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE ORIENTAÇÃO DE CARREIRA DA ABOP. Bento Gonçalves, 2015.
3. II Encontro do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR, 2014.
4. II Jornada Paranaense de Orientação Profissional, 2014.
5. IV Congresso Brasileiro Psicologia Ciência & Profissão, 2014.
6. Seminário - O poder, a ética da prática psicológica e a produção de sujeitos, 2014.
7. Assembléia da ANPEPP. Representação do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFPR, 2013.
8. Congrès International de l'Orientation (CIOM), Montpellier, 2013.
9. Séminaire Francophone: l'orientation dans le pays francophones. Montpellier, 2013.
10. Life design an Career Counseling: building hope and resilience. International Conference. Padova, 2013.

11. Curso de Extensão "Orientação e Construção da Carreira", 2013.
12. XI Simpósio de Orientação Vocacional e Ocupacional; 4º Congresso Latino-Americano de Orientação Profissional da ABOP, Bento Gonçalves, 2013.
13. FÓRUM DE POLÍTICAS PÚBLICAS EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, 2012.
14. III Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, Campinas, 2012.
15. I Jornada Paranaense de Orientação Profissional, Curitiba, 2012.
16. XIX CONGRESO INTERNACIONAL DE PSICOLOGIA INFAD: Roma, 2012.
17. 3º Congresso Latino-Americano de Orientação Profissional e de Carreira; X Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional; 1º Fórum de Pesquisa em Orientação Profissional e de Carreira, São Paulo, 2011.
18. X CONPE- Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional: caminhos trilhados, caminhos a percorrer, 2011.
19. XVIII Congreso Internacional INFAD: desafios e perspectivas actuales de la psicologia. Lisboa, 2011.
20. I ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UFPR: PESQUISA EM PSICOLOGIA. Curitiba, 2010.
21. VI Seminário INDISCIPLINA NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA. Curitiba, 2010.
22. XVII Congreso de Psicologia INFAD: "Dificuldades Sociales y Psicologia Positiva de la Vida". Espanha, 2010.
23. 6º Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, Fortaleza, Belém, 2009.
24. II Congresso Latino-americano de Orientação Profissional da ABOP e IX Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional. São Paulo, 2009.
II Encontro da Ação Integrada para o Letramento - Novos modos de leitura: o discurso em questão. Curitiba, 2009.
25. I Congresso Paranaense de Adolescência. Práticas educativas e empobrecimento da adolescência: impasses e alternativas. Curitiba, 2008.
I Congresso LatinoAmericano de Orientação Profissional da ABOP e VIII Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional. Bento Gonçalves, 2007.

26. International Conference: guidance and diversity; research and application. Padova, 2007.
27. VIII CONPEE - Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Psicologia escolar e inclusão social através de um projeto de orientação profissional. Minas Gerais, 2007.
28. Extensão na UFPR: equidade, inovação e sustentabilidade. 5 ° ENEC- Encontro de Extensão e Cultura da UFPR: equidade, inovação e sustentabilidade. 2006.
29. II Congresso Brasileiro de Psicologia Ciência e Profissão. II CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO. São Paulo, 2006.
30. VII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. VII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional. Santa Catarina, 2005.
31. VI Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional. VI Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional: Orientação Profissional e Compromisso Social. Atibaia, 2003.
32. XI Conferência Internacional de Bakhtin. Curitiba, 2003.
33. IV Jornada da Projecto. IV Jornada da Projecto: Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais. Porto Alegre, 2002.

A participação nos eventos acima resultou em 18 trabalhos completos e 101 resumos publicados em anais. Dentre eles, destaco a seguir os que foram apresentados em congressos internacionais realizados no exterior. Vale observar que também integrei comissões organizadoras e científicas de 14 eventos em Psicologia.

Formação do psicólogo brasileiro: impasses e desafios. INFAD, Sicília, 2016.

Contemporanéité, jeunesse et engagement social: l'orientation comme une pratique de résistance. CIOM, Montpellier, 2013.

L'orientation en réponse aux besoins sociaux et en faveur du bien commun. CIOM, Montpellier, 2013.

Famiglia, speranza e resilienza nella costruzione del futuro di giovani studenti brasiliani. Life design an Career Counseling: building hope and resilience, Padova, 2013.

Políticas afirmativas e construção da identidade em universitários afrobrasileiros. INFAD, Roma, 2012.

Decisão e exploração vocacional em estudantes de um curso pré-vestibular popular: contribuições da Psicologia. INFAD, Lisboa, 2011.

Ações da Psicologia na evasão universitária: estudo de caso. INFAD, Lisboa, 2011.

Escolha e identidade profissional: desafios e possibilidades na formação universitária. INFAD, Espanha, 2010.

Psicologia e formação no discurso de estudantes e professores da Universidade Federal do Paraná: um estudo. INFAD, Espanha, 2010.

Sfide e proposte per l'orientamento di studenti brasiliani delle scuole medie. IAEVG, Padova, 2007.

A socialização do conhecimento produzido no universo acadêmico não se restringiu à comunidade científica, tendo sido ampliada também para o público mais amplo através de participação na mídia (rádio, TV, jornais, revistas, sítios eletrônicos). Ao todo, foram 67 contribuições concedidas, quer pela via de textos, quer por debates e, sobretudo, entrevistas.

Vale registrar que o olhar da Psicologia Institucional, descoberto nos tempos de Hospital das Clínicas, deu suporte a todas as ações desenvolvidas no contexto educativo, norteando meu doutorado (2001-2005) e pós-doutorado (2011) com a professora Marlene Guirado e minha opção pela sua Análise Institucional do Discurso (AID), proposta metodológica - ou “estratégia do pensamento”, nas palavras da autora. Minha tese de doutorado “Subjetividade no discurso de recém-graduados da UFPR: uma análise institucional” subsidiou minha atuação no Mestrado em Psicologia e possibilitou alavancar um sonho antigo, nutrido desde os tempos da COSEAS/USP: ofertar um serviço de apoio psicopedagógico aos estudantes da UFPR. Sonho este concretizado em 2005, junto a colegas do DEPSI, com a criação do Centro de Assessoria e Pesquisa em Psicologia e Educação (CEAPPE). A opção de realizar meu pós-doutorado novamente com a professora Marlene Guirado deu-se em função do desejo de prosseguir e aprofundar meus estudos em AID, e configurou-se como uma rica experiência tendo em vista, também, a oportunidade de ministrar uma disciplina no curso de pós-graduação na USP (junto à referida docente) e de auxiliar em dissertações e teses por ela orientadas. O projeto de pesquisa elaborado “Juventude contemporânea e

projeto de vida: um estudo institucional numa escola pública de ensino médio do litoral do Paraná” foi realizado em parceria com o Setor Litoral da UFPR, tendo como público alvo os alunos da 3ª série de uma escola pública do município de Matinhos, na qual pude desenvolver várias ações também com o corpo docente. As pesquisas realizadas no doutorado e no pós-doc trouxeram importantes contribuições aos projetos de extensão no campo da Orientação Profissional (OP), por mim coordenados nos últimos 18 anos.

Minha aproximação com a OP se deu a partir do trabalho em escolas. O contato com os professores, suas queixas e demandas em relação aos alunos e à própria instituição escolar, os sentidos atribuídos ao fazer docente, suas perspectivas futuras (ou, por vezes, falta de) instigaram-me a pensar nos motivos que levavam alguém a ingressar na carreira docente, a nela permanecer ou dela querer sair o quanto antes. Ocorreu-me, então, quão importante era o fato de tal ingresso se dar pela via de uma escolha efetiva e não por mera casualidade ou conveniência. Sabia, pelos estudos em psicanálise e por minha própria vivência, que o querer estar numa sala de aula fazia TODA a diferença! Coincidentemente, enquanto nisto pensava, uma aluna, Ana Lucia Ivaitiuk, me propôs algo diferente para seu estágio de 5º ano: desenvolver uma atividade de Orientação Profissional no colégio onde havia feito o ensino médio. Ora... Por que não? Resultou desse convite –imensamente inspirador para os anos seguintes- que, em 1998, além da Psicologia institucional na escola, abri outra modalidade de estágio: no caso, em Orientação Profissional, pautada na estratégia clínica formulada por Rodolfo Bohoslavsky (mais um psicanalista argentino em minhas referências!). E isto instigou a criação de novo projeto de extensão, “Cresça & Apareça: uma proposta de Orientação Profissional”. Ofertado a alunos de escolas públicas e particulares de ensino médio de Curitiba, tal projeto foi mantido durante seis anos, ao longo dos quais cerca de dois mil estudantes foram diretamente atendidos. Além disto, pode-se atuar com professores, pais e também visitantes das Feiras de Cursos e Profissões ofertadas pela UFPR. Os atendimentos aconteciam no CEAPPE ou nas diversas escolas da rede pública com as quais estabelecemos parcerias. Muitos graduandos de Psicologia estiveram envolvidos, quer na condição de bolsistas, quer na de voluntários.

O envolvimento com a problemática da escolha profissional propiciou minha vinculação com algumas ações da UFPR especificamente propostas para o estudo do tema ou de questões a ele correlatas. Em 1999, participei do Núcleo de Ensino Médio vinculado à PROGRAD e de uma comissão criada com a finalidade de analisar o

acesso à universidade pública. Em 2010, em função de um projeto de extensão voltado a estudantes da UFPR em dúvida ou insatisfeitos com a escolha de curso, o “Repensando a Escolha Profissional” por mim coordenado desde 2005 até o momento, fui convidada a compor uma comissão de estudos sobre a evasão universitária na UFPR. Por fim, a atenção a outro processo crítico presente na formação acadêmica - o momento da saída da universidade - incentivou-me a propor ações que oportunizassem reflexões sobre o tema. Assim, inicialmente, organizei duas Jornadas de Planejamento de Carreira para estudantes do curso de Psicologia, ampliando o projeto, em 2015, para o curso de extensão “Vou me formar e agora?: diretrizes para o planejamento de carreira”, oferecido para formandos de todos os cursos da UFPR, da UTP e da UTFPR.

A riqueza do aprendizado produzida nas experiências acima mencionadas é incomensurável! Além de subsidiar toda minha prática docente desde 1998, incentivou-me a aprofundar o estudo do tema participando de eventos nacionais e internacionais, podendo assim ampliar parcerias com o Serviço de Aprimoramento em Orientação Profissional da USP, da UFSC e da UFRGS, além de me aproximar de pesquisadores e profissionais da área vinculados à Associação Brasileira de Orientação Profissional (ABOP) e a diversas associações internacionais. De 2011 a 2013 assumi a vice-presidência da ABOP e, em 2014, com a valiosa contribuição de orientadores profissionais de Curitiba, pude fundar o Núcleo Paranaense da ABOP, mediante o qual foi possível realizar dois eventos com a finalidade de reunir estudiosos e profissionais da OP no estado do Paraná.

No que se refere ao ensino na pós-graduação, meu primeiro contato como docente deu-se em 1993, no curso de especialização “Marginalidade na Infância e na Adolescência” promovido pelo Departamento de Psicologia da UFPR. Na mesma instituição, em 2000, passei a integrar o corpo docente do curso de especialização “Psicologia do Trabalho”, ministrando o módulo instrumental “Diagnóstico Institucional” (até 2002) e acompanhando a elaboração de monografias de conclusão de curso (até 2008). Ao todo foram 16 trabalhos orientados:

1. Gilberto Mattiello Jr. Mudanças e resistências nas organizações: contribuições do psicólogo do trabalho. 2009. (Especialização em Psicologia do Trabalho)

2. Simone Finau. Avaliação do desempenho profissional na atualidade no discurso de trabalhadores do setor privado. 2008. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
3. Rosana Balaban Iurkiv. A influência da chefia na subjetividade e nas condições de trabalho dos subordinados. 2008. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
4. Tânia Cristina Ribeiro. Sofrimento no trabalho: a complexidade na relação chefia-subordinado. 2008. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
5. Luciana Camuri de Souza. Papel do psicólogo do trabalho segundo a perspectiva de gestores de recursos humanos de Curitiba e região metropolitana. 2008. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
6. Leila Ribeiro Rubini. O papel do psicólogo do trabalho nas organizações. 2008. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
7. Eva Regina Diel Egevardt. Qualificação e encaminhamento do surdo para o mercado de trabalho: algumas reflexões. 2008. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
8. Aline Mari Rueckl. Relações Homem-trabalho no capitalismo e seus impactos na demissão e aposentadoria: um estudo de casos. 2006. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
9. Regina Gaensly Biancolini. Qualidade de Vida e Saúde Mental no Trabalho. 2003. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
10. Sérgio Luiz Cooper. Liderança e Grupos de Trabalho. 2003. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
11. Daniel Lopes de Moraes. Mediação de Conflitos Trabalhistas: um enfoque preventivo. 2002. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
12. Eliza Swiech. Contribuições da Psicologia na Assessoria a Profissionais. 2002. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
13. Rossana Cristine Jost. A Vivência do Papel do Executivo de Nível Tático: um estudo de caso. 2000. (Especialização em Psicologia do Trabalho)
14. Cléia de Oliveira Cunha. Les Bas-fonds da Educação. 1994. (Especialização em Marginalidade na Infância e na Adolescência)
15. Paulo Vinicius Baptista da Silva. Educação e Marginalidade: a estrutura da escola e o atendimento a adolescentes marginalizados. 1994. (Especialização em Marginalidade na Infância e na Adolescência)

16. Elisabeth Leval Jede. Uma contribuição odontológica no trabalho com crianças e adolescentes carentes com problemas emocionais e comportamentais. 1994. (Especialização em Marginalidade na Infância e na Adolescência)

A inserção na pós-graduação *strictu sensu* iniciou em 2009 com a reabertura do curso de mestrado no Departamento de Psicologia. Desde então, integrante de dois grupos de pesquisa do CNPQ (Psicologia, Educação e Trabalho – UFPR - e Análise Institucional do Discurso como método de pesquisa em Psicologia - USP), participo da linha de pesquisa “Educação, Trabalho e Produção de subjetividade”, na qual, atualmente, oriento dois trabalhos. Além disto, tenho participado de bancas de defesa de mestrado (14) e de doutorado (10) em várias universidades da região sul do país. Até o momento, conclui a orientação das seguintes dissertações:

1. Luiza Helena Raitzz Cavallet. Formação e(m) serviço: a residência multiprofissional em atenção hospitalar no discurso de egressos. 2016
2. Eliane Cristina da Silva. Construção de trajetórias e modos de subjetivação no discurso de egressos do Programa BOM ALUNO. 2016
3. Denis de Freitas. Construção de carreira na contemporaneidade: uma análise do discurso de trainees. 2015
4. Amanda Carollo Ramos da Silva. Empoderamentos e Vulnerabilidades: uma análise do discurso de psicólogos que atuam em centros de referência de assistência social. 2015
5. Daniele Cristina Brock Alves. Aprendizagem profissional, subjetividade e projeto de vida: uma análise do discurso de jovens participantes do Programa Adolescente Aprendiz. 2014
6. Maurício Alexandre Maas. A educação do corpo em enunciação nas academias de ginástica: discursos do profissional de educação física. 2014
7. Vilsiane Almeida Sarruf Pini. "Eu sonho em ser uma pessoa digna": uma análise do discurso sobre o projeto de vida de jovens inseridos numa instituição de assistência social. 2013
8. Allan Martins Mohr. Aquém dos ideais da educação ou das (im) possibilidades do trabalho do psicanalista em atendimento individual na escola. 2011

9. Gabrielle Ana Selig. Cenários instáveis, carreiras estáveis: atravessamento dos discursos contemporâneos nos sentidos da inserção profissional de jovens graduados como servidores públicos federais. 2011
10. Renee Volpato Viaro. Modos de subjetivação na formação em psicanálise: uma análise institucional de discursos. 2009

A participação em um PPG incentivou e permitiu deslançar a produção científica, mediante a publicação de artigos e capítulos de livro listados a seguir. Paralelamente, participei do Conselho Editorial dos periódicos *Revista Brasileira de Orientação Profissional* e *Revista de Orientación Educacional* (Chile) e fui parecerista de manuscritos de 11 periódicos nacionais de Psicologia. No momento, tenho um artigo e três capítulos de livro em vias de publicação e cinco manuscritos em avaliação.

- Artigos:

1. Ferrarini, N.L.; Camargo, D.; Albanese, L.; Pan, M.A.G.; Bulgacov.Y. Formação do psicólogo brasileiro: impasses e desafios. *INFAD* (Barcelona), v. 2, p. 271-280, 2016.
2. Valore, L.A. Contemporaneidade, orientação profissional, psicanálise: articulação impossível? *Perspectivas en Psicología* (Mar del Plata), v. 6, p. 37-45, 2016.
3. Mohr, A. M.; Valore L.A. Das (im)possibilidades do trabalho de um psicanalista na escola. *PsicoFAE*, v. 3, p. 73-86, 2014.
4. Mohr, A.M.; Valore L.A, Dos possíveis e impossíveis em psicanálise fora do consultório: algumas questões. *Psicologia Argumento* (PUCPR. Online), v. 30, p. 229-237, 2012.
5. Viaro, R.V.; Valore, L.A. Projet de vie et engagement social: une lecture institutionnelle du discours d'adolescents brésiliens. *Les Actes de Lecture*, v. 111, p. 31-35, 2012.
6. Ferrarini, N.L.; Valore L.A.; Camargo, D. Políticas afirmativas e construção da identidade em universitários afrobrasileiros. *INFAD* (Barcelona), v. 2, p. 203-210, 2012.

7. Valore, L.A. ; Cavallet, L.H.R. Escolha e orientação profissional de estudantes de cursinho pré-vestibular popular. *Psicologia e Sociedade* (Impresso), v. 24, p. 354-363, 2012.
8. Viaro, R.V.; Valore, L.A. Da moral nietzschiana ao mal estar freudiano. *Estilos da Clínica* (USP Impresso), v. 17, p. 373-395, 2012.
9. Valore, L.A. O desamparo adolescente na adolescência contemporânea: contribuições da Orientação Profissional. *Psicologia Argumento* (PUCPR. Impresso), v. 30, p. 09-18, 2012.
10. Pan, M. A. G. S. ; Rossler, J.H.; Ferrarini, N.L.; Valore, L.A. ; Oliveira, S. N. . Subjetividade: Um diálogo interdisciplinar. *Interação em Psicologia* (Impresso), v. 15, p. 1-13, 2011.
11. Valore, L.A.: Ferrarini, N.L. Decisão e exploração vocacional em estudantes de um curso pré-vestibular popular: contribuições da Psicologia. *INFAD* (Barcelona), v. 2, p. 135-143, 2011.
12. Ferrarini, N.L. ; Valore, L.A. ; Camargo,D. Ações da Psicologia na evasão universitária: estudo de caso. *INFAD* (Barcelona), v. 3, p. 173-181, 2011.
13. Viaro, R.V.; Valore, L.A. Método, análise e verdade em Psicologia: sobre uma análise institucional do discurso. *Psicologia: Ciência e Profissão* (Impresso), v. 4, p. 718-733, 2011.
14. Valore, L.A. ; Guirado,M. “Ser alguém na vida”: uma análise institucional do discurso de estudantes do litoral paranaense. *Aletheia* (ULBRA), v. 35-36, p. 79-94, 2011.
15. Selig, G.A. ; Valore, L.A. Imagens da aposentadoria no discurso de pré-aposentados: subsídios para a orientação profissional. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho* (USP), v. 13, p. 73-87, 2010.
16. Valore, L.A.; Selig, G.A. Inserção profissional de recém-graduados em tempos de inseguranças e incertezas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia* (UERJ. Impresso), v. 10, p. 390-404, 2010.
17. Valore, L.A. Orientação profissional no contexto psiquiátrico: Contribuições e desafios. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 11, p. 121-131, 2010.
18. Ferrarini, N.L. ; Camargo,D.; Valore, L.A. Psicologia e formação no discurso de estudantes e professores da Universidade Federal do Paraná: um estudo. *INFAD* (Barcelona), v. 3, p. 295-304, 2010.

19. Valore, L.A. ; Ferrarini, N.L. Escolha e identidade profissional: desafios e possibilidades na formação universitária. *INFAD* (Barcelona), v. 1, p. 391-398, 2010.
20. Mohr, A.M.; Valore, L.A. Rebelia Adolescente: Um olhar à luz das contribuições da psicanálise. *Psicodom*, v. 4, p. 01-18, 2009.
21. Selig, G.A. ; Valore, L.A. Orientabilidade ao longo de um processo grupal com adolescentes: relato de uma experiência. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 9, p. 127-140, 2008.
22. Valore, L.A. ; Viaro, R.V. Profissão e sociedade no projeto de vida de adolescentes em orientação profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 8, p. 57-70, 2007.
23. Valore, L.A. O psicólogo e a escola: algumas possíveis contribuições à luz da Psicologia Institucional. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2003 (artigo completo publicado em revista eletrônica psico.utp.online).
24. Valore, L.A. O que você vai ser quando crescer? O psicólogo, a escola e a OP: articulações possíveis. Curitiba: Universidade Tuituti do Paraná, 2003 (artigo publicado em revista eletrônica psico.utp.online).

- Capítulos de livro:

1. Albanese, L. Um modelo de Orientação Profissional em grupo na escola pública. In: Rosane Schotgues Levenfus. (Org.). *Orientação Vocacional e de Carreira em contextos clínicos e educativos*. 1ed. Porto Alegre: ARTMED, 2015, v. 1, p. 79-96.
2. Valore, L.A. Orientação Profissional em Grupo na Escola Pública: direções possíveis, desafios necessários.. In: Levenfus, R.S.; & Soares, D.H.P. (Org.). *Orientação Vocacional Ocupacional*. 2ªed. Porto Alegre: Artmed, 2009, v. , p. 65-79.
3. Valore, L.A. Dos modos de subjetivação em Foucault ao sujeito psíquico da análise institucional de discurso: algumas articulações. In: Marlene Guirado; Rogério Lerner. (Org.). *Psicologia, pesquisa e clínica: por uma análise institucional do discurso*. 1ª ed. São Paulo: Annablume Editora, 2007, v. 1, p. 223-244.

4. Valore, L.A. Para Poder Escolher é Preciso Conhecer: vivenciando a universidade no processo de orientação profissional. In: Silva, L.L.M. (Org.). *Arquitetura de uma Ocupação- série Orientação Profissional: teoria e técnica*. 1ªed. São Paulo: Vetor, 2003, v. 1, p. 317-326.
5. Valore, L.A. Construindo e Resgatando Competências na Preparação do Profissional do Futuro: algumas reflexões sobre a inserção da escola no processo de orientação profissional.. In: Silva, L.L.M. (Org.). *Arquitetura de uma Ocupação*. 1ªed.São Paulo: Vetor, 2003, v. 1, p. 97-107.
6. Valore, L.A. Orientação Profissional em Grupo na Escola Pública: direções possíveis, desafios necessários. In: Levenfus, R.S.; & Soares, D.H.P. (Org.). *Orientação Vocacional Ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa*. 1ª ed.Porto Alegre: Artes Médicas, 2002, v. , p. 115-13.
7. Valore, L.A. Problemática da Escolha Profissional: possibilidades e compromissos da ação psicológica. In: Silveira, A.F.; Cewehr, C.; Bonin, L.F.R.; Bulgacov, Y.L.M. (Org.). *Cidadania e Participação Social*. 1ªed.Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1999, v. , p. 77-87.
8. Valore, L.A. Contribuições da Psicologia Institucional ao Exercício da Autonomia na Escola. In: Silveira, A.F.; Cewehr, C.; Bonin, L.F.R.; Bulgacov, Y.L.M. (Org.). *Cidadania e Participação Social*. 1ªed.Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1999, v. , p. 119-128.

Da relação com as entranhas da UFPR

Ao resgatar os fios das meadas pelos quais fui tecendo minha trajetória na UFPR ao longo destes 25 anos, não há como deixar de mencionar um aspecto igualmente relevante para minha atuação docente. Refiro-me aqui à participação em diversas atividades que, embora nomeadas como administrativas, em muito contribuíram para minha prática pedagógica, na medida em que me exigiram expandir os horizontes para além da sala de aula e do Departamento de Psicologia, num efetivo exercício de Psicologia Institucional. Deste modo, além de poder adentrar um pouco mais na dinâmica de funcionamento de uma instituição pública de ensino superior, tive o privilégio de conhecer um pouco dos complexos meandros da engrenagem na qual esta se insere, através de contatos com instâncias como o MEC e a CAPES. Relaciono abaixo, algumas destas atividades.

- Participação em Comissões (externas ao DEPSI):

Comissão de estudos sobre as formas de acesso ao ensino superior público (PROGRAD e Comissão do Vestibular da UFPR)

Núcleo de Estudos sobre o Ensino Médio (PROGRAD)

Comissão de estudos sobre a evasão e a retenção acadêmica na UFPR

Comissão de Estágios da PROGRAD

Comissão de Assessoria à Extensão (CAEX)

Comissões de Sindicância (3)

- Participação em atividades de Gestão Acadêmica:

- Vice-coordenação do curso de Psicologia (1993/1994)

- Coordenadoria de Assuntos Estudantis da PRHAE (1994)

- Assessoria de Assuntos Especiais- Gabinete do Reitor (1996-1998)

- Direção do Centro de Assessoria e Pesquisa em Psicologia e Educação (CEAPPE)- Órgão Suplementar do Setor de Ciências Humanas (desde 2005, em diversos mandatos, como Diretora ou vice).

- Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPR (2013-2015)

Momento de concluir...

*Agora eu conheço esse grande susto de estar viva,
tendo como único amparo exatamente o desamparo de estar viva.
De estar viva –senti - terei que fazer o meu motivo e tema.
Com delicada curiosidade, atenta à fome e à própria atenção,
passei então a comer delicadamente viva os pedaços de pão.*
(Clarice Lispector)

No momento de concluir a escrita deste texto, a dificuldade encontrada em seu início projeta sua sombra outra vez. Tantas são as limitações de uma narrativa e da própria memória a dar conta da riqueza de cada experiência que tive o privilégio de vivenciar em minha carreira docente na Universidade Federal do Paraná. Como num caleidoscópio, em que uma imagem remete à outra e à outra, num exercício infundável - e de certo modo impossível - de tentar reencontrar as pegadas e com elas refazer todo o percurso, a consciência da incompletude da tarefa revela-se inevitável! Entretanto, tal qual ao término de uma trilha, quando enfim se pode apreciar a beleza da paisagem no cume de uma montanha, só posso dizer: cada esforço, cada receio, todo o suor... TUDO valeu a pena! Se pudesse voltar no tempo, com certeza, não teria sido outra a minha escolha, tantas foram as gratificações e as oportunidades de crescimento profissional e pessoal proporcionadas. Só me resta, portanto, agradecer:

a confiança em mim depositada no exercício dos cargos administrativos (em especial, ao querido Professor Doutor José Henrique de Faria, meu eterno e honrado Reitor!)

o respeito que me foi atribuído pelos colegas de Departamento

o espaço dado pelos parceiros do instigante universo da Orientação Profissional e de Carreira

o incentivo contínuo de minha família em seguir e apoiar uma carreira que jurei nunca seguir e, principalmente...

o reconhecimento carinhoso dos tantos alunos vida adentro – quer expressos em emails, depoimentos, gestos, quer em homenagens de formatura

(brindando-me com a condição de Parainfa de turma, nos anos de 1995, 2001, 2008, 2009, de Patronesse, em 1993,1996, 2007 e de professora homenageada em 2010).

Agradeço, igualmente, os caros colegas que gentilmente se dispuseram a compor a presente banca, pela atenção dedicada a este trabalho e a este momento tão significativo em minha vida.

A todos, enfim, que, além de me oportunizarem a concretização de projetos, possibilitaram algo ainda mais valioso, *criar laços*: Muito obrigada!

Finalizo, pois, a escrita deste memorial, submetendo-o à apreciação desta ilustre banca e, numa feliz coincidência da vida, o faço numa data muito simbólica: o dia do professor...

Professores ensinam sim, mas uma matéria incorpórea e indelével. Ensinam, talvez, uma forma muito peculiar de amor: o amor pelo exercício mesmo do pensar, um amor intransitivo que dispensa objetos e que os confunde com o próprio conhecimento.

Toda aula em que, juntos, professores e alunos entregam-se à errância e à desmesura do ato de pensar torna-se uma lição de amor, de liberdade e de solidão; todas essas propriedades de um encontro irredutivelmente humano, como aquele que, por vezes, se consegue estabelecer dentro de uma sala de aula. (Julio Groppa Aquino)

Curitiba, 15 de outubro de 2016

Luciana Albanese